



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-psicologia-indisciplinada/>

A psicologia indisciplinada como uma po-ética na produção de bons encontros

Vitor de Sena Moraes [1]

Jennifer Elizabeth Vieira[2]

André Luiz Strappazon[3]

RESUMO: Este trabalho é fruto de uma cartografia sentimental que objetivou explorar o que pode a psicologia em um contexto comunitário em situação de vulnerabilidade social. Tal iniciativa foi possível através de um estágio na ênfase de Processos Comunitários e Ações Coletivas do Curso de Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina. A orientação em campo foi fundada no/pelo compromisso ético-político de inventar práticas a partir de um saber do corpo e das (des)palavras. O resultado foi a invenção de fazeres indisciplinados que reposicionaram e re-imaginaram o lugar da psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: indisciplinada; psicologia; comunidade; encontro; corpo.

The undisciplined psychology as a po-ethics in the production of joyful encounters

ABSTRACT: This work is the result of a sentimental cartography aimed at exploring the potential of psychology in a community context marked by social vulnerability. This initiative was made possible through an internship focused on Community Processes and Collective Actions as part of the Psychology program at the Federal University of Santa Catarina. The fieldwork was guided by an ethical-political commitment to invent practices based on the knowledge of the body and (un)spoken words. The outcome was the creation of undisciplined practices that repositioned and reimagined the role of psychology.

KEYWORDS: indisciplinada; psychology; community; encounter; body.



*Hoje nós enfeitamos o céu com balões vermelhos. Convidamos a luz para entrar e inventamos coisas sem nomes. Quando estávamos na rua, chegaram dois policiais. Pareciam caçar algum bicho? Não estavam brincando com a gente. Senti a mira de suas armas em meu peito, em minha alma. Senti a mira no corpo das crianças... Tive medo! Senti tristeza! Quis chorar... tremi por raiva e me perdi entre soluços não gritados! Mas peguei na mão de uma criança. “Quantas cores existem no mundo?” — Foi o que ela me disse! E o mundo se restabeleceu para mim, sem medo...
(diário-testemunho [4] de campo, 16/03/2023)*

Introdução

Do centro da cidade à Comunidade Chico Mendes são 20 minutos percorridos em um micro-ônibus do transporte público municipal, cujas dimensões são adaptadas para transitar pelas ruelas estreitas a que se chega, pouco mais de 8 km percorridos, deixando-se no caminho os cartões postais que retratam a ilha da magia. O micro-ônibus, carinhosamente apelidado de “chiquinho”, nos deixa no coração da comunidade, estruturada por moradias em sua maioria construídas por programas habitacionais, iguais umas às outras em sua concepção estreita com paredes compartilhadas, diferentes nas contínuas adaptações que seus moradores vão efetuando sucessivamente com escassos recursos, singularizando, pouco a pouco, algumas das edificações que demarcam as ruas e os becos.

As crianças brincando na rua, o som alto ligado em algumas vivendas, gritos vindo de dentro de algumas casas, silêncios e impressões de clausura em outras, os grafites que se sobrepõem nas paredes, as fachadas dos bares avizinhas com os frontispícios dos templos neopentecostais improvisados, que prometem salvação e prosperidade, ladeiam outros signos da intervenção humana que se compõem com a paisagem temperada pelas marcas da manutenção precária: um ambiente? As paredes rachadas, construções entornando, automóveis sustentados por pneus murchos em cuja lataria a ferrugem descansa, cachorros e gatos com marcas de sarna, convidam à cartografia nas vibrações da retina num primeiro olhar ainda não experimentado pela diversidade



semântica do contexto comunitário, olhar este que a cada nova mirada pouco a pouco vai se desacostumando de si.

A epígrafe, escrita na primeira semana da experiência de um estágio em psicologia, descreve uma cena — não tão idiossincrática — da comunidade que acolheu a prática curricular obrigatória à formação da(o) psicóloga(o). O peso de tal ambiente foi experimentado sob o signo do quase insuportável, pois é o peso de conhecer um pouco mais esta faceta tão óbvia, compositiva e característica da realidade brasileira, na mesma medida em que é, paradoxalmente, ignorada: a desigualdade social. Tal acontecimento deu início à abertura de um corpo-cartógrafo para uma composição que já se ia apresentando como inevitável.

Foram estas as incipientes linhas de intensidade que, ao torcerem-se em palavras, compuseram os primeiros versos do início da desterritorialização de uma pretensa psicologia pautada em uma prática salvacionista ou adaptacionista, cujos fundamentos, afluentes de uma ética da compaixão (Caponi, 1999), eram drenados por acontecimentos traduzidos em gritos: “É preciso indisciplinar a psicologia!”. Essas vozes, que não se escutam no mesmo volume na universidade, foram as linhas que guiaram este relato-ensaio, responsáveis por colocarem como possível a (re)composição da aprendizagem de uma prática em psicologia. Por isso, o neologismo “com-junto” no título não é meramente estilístico, pois sua presença aqui aponta para ações que buscaram compor uma psicologia com e junto aos sujeitos que participaram da experiência de estágio na Comunidade Chico Mendes. Sob essa ótica, tentou-se não reproduzir práticas funcionalistas e protocolares, já que as intervenções realizadas no campo de estágio em questão não tiveram como horizonte a psicologia para-a-comunidade, mas em com-junto-a-comunidade (Freitas, 1998).

Partindo da ênfase curricular de Processos Comunitários e Ações Coletivas, do Curso de Psicologia da UFSC, esta escrita testemunha uma experiência pelas veredas da “Chico”, nas intimidades e nos estranhamentos do território, nos espaços de alento e de medo. Foi por meio de uma aposta no lirismo da geografia da Comunidade que as práticas de cuidado inerentes à profissão de psicóloga(ao) (re)fizeram sua tessitura, apostando ainda, que são nos lugares de vida que o encantamento acontece — topografias estas abundantes na Chico Mendes. Portanto, este relato-ensaio é produto de experimentações peripatéticas no cotidiano das crianças e dos adolescentes do Instituto Gerações da Chico, instituição que acolheu esta experiência agora



decantada e impessoalizada, na composição com a orientação de estágio e com uma colega do curso, também estagiária.

Nos valem da cartografia como guia para compor um modo de se colocar na experiência e na escrita, acompanhando processos e compondo encontros, bem como compreendendo que toda intervenção é marcada pela criação, produzida pelos atravessamentos, pelos rastros e pelos restos que fazem relevo na sensibilidade do corpo (Rolnik, 2016). Pode-se dizer que o trabalho cartográfico é realizado através da atenção sensível, pois é ela que possibilita o mapeamento de signos e forças circulantes que “perturbam” esteticamente o corpo frente ao rizoma encontrado (Kastrup, 2009). Não há, aqui, nenhum espaço para a diferenciação eu-outro, sujeito interventor e objeto da intervenção, psicólogo-paciente, bem como para qualquer outro clássico binarismo que co-emerge da pretensão normalizadora da psicologia moderna, vestida com os guarda-pós da neutralidade. Trata-se, por outro lado, de rastrear e produzir linhas de composição.

A experiência em campo ocorreu durante 1 ano e meio, entre extensão universitária e estágio. As idas ao campo ocorriam duas vezes por semana, perdurando por toda tarde. Além disso, viveu-se outras formas de envolvimento com o território, porque o desejo de estar mais tempo com a Chico e as pessoas que a fazem existir resultou em idas a festivais, chás de bebê e outras conversações. O registro foi produzido mediante diário de campo, na intenção de na escrita poética abrir espaço para uma apreensão também do sensível, para além de um mero registro dos fatos, mas sim, pensado como coisa viva e elemento dinâmico da experiência enquanto um caminho a ser construído também enquanto é relatado, instaurando sentidos (Souza, 2010).

A vivência e suas nuances, suporte desta escrita, seguem seu fluxo em busca da produção de sentidos tão característica do escrever e da composição escrita compartilhada. Trata-se de uma cartografia de uma das facetas da psicologia no território da Chico Mendes, com suas crianças e adolescentes, que desfaz uma das linhas mais marcantes da psicologia brasileira, cuja representação difícil de ser desfeita, apregoa a transformação do outro a partir de um imaginário daquilo que lhe falta. É a saída deste lugar que nos faz atribuir importância à singela cena que elencamos, entre tantas outras possíveis, para analisar: negando o aceite de uma metodologia de intervenção aos moldes de um grupo terapêutico, um grupo de crianças termina por deixar suas marcas na parede de uma quadra esportiva – trivial e pueril, tal a vida? Como é comum à



cartografia acompanhar processos transformando instituídos, a implicação do cartógrafo também se traduz em criação de si. Nesta experiência de indisciplinar a psicologia, também estamos buscando a indisciplina que amplia os nossos sentidos para além daqueles acostumados, com-formando-nos outros.

A comunidade Chico Mendes e o Gerações da Chico: e aí, fei!?

Uma criança perplexa nos gritou. “Vem ver, professor!” Lá fora, homens fardados, homens preparados para a guerra. “Prenderam o Gabrielzinho”, disse. E começou a repetir até onde seu corpo suportava: “Filho da puta, filho da puta...”. Hoje eu testemunhei o seu terror, o seu inferno. Não podendo resgatá-lo, acompanhei sua revolta... (Diário-testemunho de campo, Dia 28/03/2023)

Cartografar aquilo que sobressai aos sentidos no imediato desta composição corpo-comunidade não se refere apenas à dimensão imediata dos sentidos que apreendem a coisa em si. Na intenção de ultrapassar esta barreira, tomamos a liberdade de antropofagizar uma parte da filosofia de Espinosa (2015), especificamente aquela que se refere ao ato de conhecer como um ato afetivo não apenas marcado pelas imagens que o mundo produz no corpo, mas também pela busca daquilo que se apresenta como causa. Junto a Deleuze e Guattari (1997) assumimos a realidade enquanto composta por linhas de intensidade duras ou molares, flexíveis ou moleculares e de fuga, resumidamente e respectivamente, composições de processos instituídos que atravessam todo o corpo social, variações localizadas e singularizadas destes processos e, por fim, rupturas criativas instituintes do novo.

Trata-se de uma dimensão singular da violência de Estado, que assume sua idiossincrasia no cotidiano da comunidade, mas que atualiza processos sociais macropolíticos instituídos, carregados de causalidades comuns e de dimensões históricas, ou seja: violência e desamparo produzidos e mantidos pela gestão neoliberal de vidas humanas. Tal situação subjaz ao establishment da política brasileira, estruturada de tal modo que consegue naturalizar a culpabilização de suas vítimas.



Nessa contextura, a desigualdade socioeconômica não é compreendida como resultado da contradição capital/trabalho inerente ao capitalismo, já que são entendidas como uma questão de fórum privado. Nesse sentido, a justificativa da pobreza, no discurso neoliberal, envolve a falta de mérito individual ou algum suposto desvio moral dos indivíduos (Montaño, 2012). Como resultado, o enfrentamento da questão social não perpassa discussões e ações no âmbito político-econômico para a real transformação das relações de exploração entre as classes dominantes e as dominadas — relegando seu combate às ações imediatistas e não sistematizadas do terceiro setor (Montaño, 2012).

Na comunidade Chico Mendes percebe-se as consequências desse projeto neoliberal de país, pois as ações do poder público em tal território não buscam dar conta da questão social a partir de suas causas, já que tais ações são precarizadas, esvaziadas e minimizadas. Entende-se que tal cenário é intencional devido ao papel que o Estado tem no regime neoliberal, sendo um ente político-institucionalizado apenas para proteger a propriedade privada e a suposta liberdade individual (Paiva e Yamamoto, 2008).

Não obstante, essa realidade se torna ainda mais injusta à medida que a questão social se torna uma inimiga para o Estado-burguês, tendo que, a todo custo, ser combatida através de um intenso processo de militarização (Cruz et al., 2017). Entre outras palavras, argumenta-se que esse processo acontece quando a fresta aberta pela ausência de combate à pobreza e à desigualdade é apropriada pelo discurso da política criminal do medo que, estrategicamente, elege uma “classe perigosa” como foco de suas ações. Tal classe é eleita para sofrer todo tipo de autoritarismo da segurança nacional, sendo que a fundamentação dessa diligência é a produção de um suposto controle da ordem.

Entretanto, essa “ordem” está instituída no/pelo racismo estrutural e na ditadura da propriedade privada, uma vez que, para mantê-la, a Polícia Militar (PM) reprime, humilha, violenta e mata pessoas negras e periféricas a partir da lógica de “Estado sob o direito neoliberal”. Cenário que ocorre devido ao processo de criminalização que esses sujeitos sofreram e sofrem ao longo da história brasileira (Cruz et al., 2017).



É em tal contextura macropolítica que o Instituto Gerações da Chico surge, sendo que, desde 2014, apresenta sua missão voltada para ações que visam mitigar a exclusão social instituída. Nessa lógica, o Gerações da Chico atua por meio das brechas deixadas pela omissão do estado, buscando sustentar, através de doações e práticas assistencialistas paliativas, o que deveria ser garantido como direito constitucional. Vale destacar que a discussão acerca dos atravessamentos macropolíticos no início deste tópico não encerram a complexidade semântica que a Chico apresenta. Tal território é, também, uma comunidade, no sentido que bell hooks (2021) atribui a esse termo, ou seja, um espaço de acolhimento e pertencimento — disposições que são essenciais para o cultivo da esperança, dos afetos e do reconhecimento (Ribeiro e Gonçalves, 2022). Existe, portanto, uma espécie de micropolítica do cuidado na Chico, tecida na rua entre os moradores, no artesanato das relações e no projeto Gerações como abrigo.

Enfim, pode-se dizer que o sofrimento ético-político (Sawaia, 2008), caracterizado como um modo específico de experienciar a dor e a tristeza cujos determinantes são sociais, existe no contexto descrito, já que o território é desassistido de políticas de cuidado e vive diferentes modos de exclusão e mutilação, tanto no nível simbólico quanto no material. Porém, constantemente são tecidas resistências, cuidados e criações que fazem a comunidade Chico Mendes produzir potência de existir e bons encontros, que ampliam a capacidade de afetar e ser afetado, aumentando o desejo de existir dos sujeitos que compõem a relação (Deleuze, 2002. Strappazon, Sawaia, Maheirie, 2022). Esses bons encontros podem começar por meio de uma expressão bastante utilizada no território, signo de intimidade que permeia as relações entre as crianças e adolescentes, um modo de chamar a atenção ao mesmo tempo que efetua um convite: “e aí, fei!?”

Dos objetivos não teleológicos: a po-ética da invenção e a indisciplinarização

Diante de tal contextualização, retomamos outro neologismo que está presente no título deste trabalho: po-ética. Esse termo está longe da concepção aristotélica, isto é, não aparece aqui como um registro normativo dos processos de criação. Muito por outro lado, sua presença aqui está versada na abertura à experiência e para a escrita como aposta em um processo de criação que orienta uma prática estetizada, no sentido de estar fundamentada no sensível.



Tal orientação foi fundada no/pelo nosso compromisso ético de inventar práticas a partir de um saber do corpo. Mas não qualquer corpo, pois nos referimos àquele que vibra. Um corpo sem órgãos (Deleuze e Guattari, 1996) que convoca para a produção através da desorganização, que desassossega e desacostuma. Arriscamos com este corpo um exercício intensivo através da relação com a alteridade, na aposta de produzir a irrupção necessária para um bom encontro (Rolnik, 2003). É estético, portanto, porque ele fala por tremores, vibrações, pelo sensível de des-anestesia. É por isso que faz-se necessária a suspensão dos objetivos a priori, com vistas à abertura para experienciar as possibilidades de criação na imanência do encontro. Portanto, durante a experiência, processualmente, a atenção foi se afinando em busca de uma consonância na produção de espaços, momentos, acontecimentos e encontros que pudessem potencializar os sujeitos na apropriação de suas sensibilidades, histórias, territórios, lutas, corpos e vidas — processo que compreendemos como, eminentemente, político.

Por isso, como finalização deste tópico, asseguramos que este trabalho não apresenta sua orientação no que “é” a psicologia, mas orienta-se no que “pode” a psicologia. Desse modo, desloca-se a pergunta-ontológica “o que é?” para a pergunta-ética “o que pode?”, pois a psicologia que interessa aqui é aberta, criativa e artesanal, como uma pintura ou uma argila fresca. Assim, o que pode ser produzido em devir? Como um encontro pode aumentar a potência de existir? Quais práticas a psicologia pode inventar depois de ter seu cânone eurocêntrico explodido por cenas como a do poema que abre esta escrita?

Do sobrevoo, dos fluxos e dos analisadores: os processos percebidos através do rastreo sensível

Pôde-se ver, nas primeiras idas ao campo, a composição dos processos comunitários das crianças por meio da expressão de seus afetos. Os conflitos, a agressão, o desamparo e o medo contrastaram com a demanda por toque, abraço, carinho e atenção. Desse modo, na imanência do encontro, brigas violentas eram mediadas ao mesmo tempo que brincadeiras restauravam vínculos recém desfeitos. Choros e sorrisos davam a tônica da potência do espaço, pois cada sujeito que o compunha estava com o corpo sensível para sentir os afetos variando e se transformando.



O parquinho abandonado pelo poder público, a vizinhança em trânsito, a vendinha e a cozinha quente foram percebidos como os entre-espços potentes para a produção imaginativa, misturada às brincadeiras, aos desejos, aos conflitos e à reconciliação. Nesses meios, pôde-se compreender que brincar ao ar livre foi importante para que crianças tivessem o direito de ser crianças em suas singularidades atenuando a mediação por espaços institucionalizados. Para isso, viu-se a efervescência do grupo inventar novos nomes, novas cores e novos olhares. As próprias crianças usaram da recalitrância coletiva para desenovelar linhas de fuga que visassem (re)territorializar os corpos em outros campos de relação com o outro e com o espaço ao redor.

Assim, em meio ao suor, mordidas, socos, xingamentos, lágrimas, feridas e sorrisos, foi possível acompanhar a elaboração dos diferentes destinos aos afetos que emergiram do encontro com o grupo na rua, no campinho ou em qualquer outro canto da comunidade. Por exemplo: uma caixa vazia se transformou em uma aeronave, uma roda de samba produziu vozes polifônicas em harmonia, uma partida de futebol metaforizou a briga entre dois grupos de crianças e o único balanço do parquinho foi alvo de intensa disputa. Os sentidos e os significados estavam sendo produzidos, sendo que a base de sua produção era os diferentes modos de ser afetado frente ao encontro que cada criança provocava na outra.

Este cenário configura-se como o lócus do pouso e reconhecimento da psicologia disciplinada e do terceiro setor como analisadores. Tais experiências e experimentações eram compostas como linhas de fuga das crianças, pois eram realizadas “fora do momento da psicologia entrar em cena”, já que o Instituto Gerações da Chico buscava realizar intervenções orientadas em outras institucionalidades. Nesse âmbito, pode-se argumentar que a psicologia na organização visava produzir práticas clínicas tradicionais, visto que sua expressão estava instituída através de grupos em salas fechadas dentro do prédio – práticas às quais as crianças sempre resistiram.

Tais ações “tradicionais” não devem, necessariamente, ser vistas como infundadas, já que estão orientadas em uma forma de cuidado, seja pelas dinâmicas clínicas, seja pela construção desse espaço como um lugar seguro de escuta, acolhimento e reflexão. Porém, não é possível dizer que era integralmente “boa” e aceita, visto que as crianças apresentavam constantemente linhas de fuga, como dito anteriormente, para a produção-agenciamento de uma outra forma de cuidado — um cuidado mais aberto, na rua, na brincadeira. Em outras palavras, o “bom” só pode ser



construído de forma coletiva, condição que tentamos não perder de vista (Escóssia e Mangueira, 2005)

Dessa maneira, o que era para ser psicologia comunitária, acabou como “clínica na comunidade”, individualizando o que era da ordem do comum. Ou seja, o estágio recebeu a encomenda de clinicar o social ao invés de buscar intervenções sob a égide da Atenção Psicossocial (Yasui, Luzio e Amarante, 2018). A análise de tal encomenda pode levar a compreender as forças e as demandas que a engendra (Passos e Rossil, 2014): como é um trabalho de terceiro setor isolado e precarizado, os processos comunitários emancipatórios são de difícil alcance, visto que as condições do serviço são minadas pela falta de recurso, bem como pela ausência de mobilização ético-política para resistir às práticas funcionalistas e individualizadas.

Tal dimensão institucionalizada da psicologia na ONG está relacionada com a própria lógica de terceiro setor, nas palavras de Montañó (2002), transformando demandas cujos efeitos são de determinantes sociais em demanda individual. Desse modo, pode-se considerar essa psicologia e o terceiro setor como práticas que denunciam o paradoxismo, muitas vezes velado em uma institucionalidade, entre o instituído-instituente (Passos e Rossi, 2014). Nessa faceta do analisador, a relação posta está num instituído que busca realizar um trabalho isolado, clínico-individual via assistencialismo, disciplinado pela conjuntura neoliberal e apaziguador-controlador. Tal instituto é manifestado, por exemplo, no isolamento do projeto, já que suas ações não se articulam com a rede de saúde pública ou com as frentes da política de assistência social. Não obstante, além de estar isolado dessas políticas de proteção, também é possível notar seu isolamento na articulação com as lideranças comunitárias, uma vez que não mantém vinculação com os movimentos de base que ocorrem na Chico Mendes.

Cabe ressaltar aqui que esta crítica não compreende a instituição e o terceiro setor em si, mas o contexto e o modo de estruturação das políticas sociais, que no lugar de dar abertura às ações do terceiro setor como complementares às políticas públicas eficientes, tenta as substituir de modo precário. Tal realidade faz com que as ações da ONG sejam (hiper)individualizadas, dado que elas são retiradas dos seus fundamentos sistêmicos (Montañó, 2002). Assim, eliminando as mediações com as forças do Estado ou dos movimentos sociais de base, as intervenções são voltadas para uma demanda imediata, recortada e precarizada. Outrossim, o trabalho (hiper)individualizador e



clínico-apaziguador são manifestados nas encomendas que se repetem: “essas crianças precisam melhorar suas ansiedades e suas agressividades”, “essa criança violenta vai ser expulsa do projeto se não se comportar” e assim segue. A demanda ressaltada nesses pedidos está relacionada com o uso da psicologia como uma instância disciplinadora, isto é, como um dispositivo que visa adaptar crianças às condutas que a sociedade liberal exige: funcional e dócil.

Como efeito, as linhas e as condições sócio-históricas são apagadas, visto que as crianças da Chico são tidas como sujeitos a-históricos e universais, tendo, portanto, que receber intervenções como se representassem uma criança “padrão”. Lê-se “padrão” como uma criança branca, de classe média e com outros marcadores que instituem o que é “ser criança” nesta sociedade, já que a naturalização dos sujeitos é instituída pelos elementos hegemônicos das relações de poder em uma cultura (Escóssia e Manguiera, 2005).

Os desvios, a transgressão e as fagulhas de potência

Um analisador não tem sua semântica esgotada pela denúncia de contradições instituinte/instituído, dado que, variavelmente, ele também aponta para uma pista de desvio, denuncia a concretude das coisas, as relações-tensões entre as forças ativas e resistentes de uma realidade, assim como aponta para possíveis caminhos de transformação (Passos e Rossi, 2014). Entre outras palavras, pode-se dizer que ele indica agência e multiplicidade através de um instituinte, uma linha de fuga, uma transgressão. Isto cria um vasto campo de conflitos, de insegurança, que se propagam criando fraturas onde havia cristalização, afetos petrificados e territórios redomáticos (Romagnoli, 2014).

Tais crises e fraturas estão longe de ser arbitrárias, pois estão ancoradas nas forças coletivas que fundamentam uma transgressão. Isso quer dizer que, acima de tudo, é um gesto de vida, pois afirma: “isso nós não queremos!”. A insurgência começa, então, por meio de um peremptório “NÃO!”. Nesse laço, podemos dizer que tal recusa é potencialmente positiva, já que afirma, na sua negatividade, um caminho-outro de fazer acontecer o encontro. Entendemos esta recusa junto à Maurício Lazarrato (2006), ao pontuar que as técnicas disciplinares produzidas como políticas de planificação na consolidação da modernidade são sustentadas por uma racionalidade normatizada que incidem sobre a potência de invenção e composição do corpo. Tal recusa positiva foi afirmada



em sua radicalidade neste trabalho, processo que fez inventar uma outra psicologia, que avaliamos, ainda com Lazzarato (2006), tender mais para a compreensão do mundo não como essência, mas como multiplicidade forjada nos acontecimentos.

Aqui, chamamos a atenção para um detalhe: isso ainda é psicologia. Afinal, a preocupação é fazer o trabalho da invenção estraçalhar, como em um ato de violência e de utopia, as paredes da psicologia pautada pela norma. Queremos desterritorializar a psicologia para reterritorializá-la, mesmo que localmente e temporariamente, em uma coisa-imanente que produza enlaces mais carregados de sentidos. Lembremos-nos, mais uma vez, que o objetivo é explorar o que pode a psicologia, entretanto, para isso, não vamos abandoná-la, mas reinventá-la de modo contextualizado, como nos aponta Gallo ao pensar a educação menor como “um projeto aberto, de livre experimentação do pensamento e das práticas, de construção de si mesmo na relação com os outros” (Gallo, 20212, p. 185).

Destarte, o instituinte para tal insurgência foi a própria indisciplina das crianças frente às práticas clínicas de uma psicologia disciplinada e disciplinadora. Foram essas transgressões que indicaram brechas para que a psicologia na Chico pudesse se reinventar. Portanto, nos engajamos nas centelhas de força que indicavam criações, bem como a instituição foi tensionada pela possibilidade de inventar movimentos e desbloquear processos de criação e cuidado a partir do com-junto.

As indisciplinas eram legitimadas pela própria necessidade de criar, de fazer o rizoma crescer. Criar narrativas rebeldes, desenhos obscenos e outras invenções foram caminhos para falar sobre racismo, pobreza, desigualdade e sexualidade. Ousar fazer uma psicologia comunitária, cuja emancipação seria as crianças sendo crianças em suas singularidades, em suas potências, em seus rizomas, em seus espaços, em suas políticas e em seus corpos. Afinal, a quem interessaria ser disciplinado? Segurando tal pergunta, apresentamos uma cena que ilustra uma das insistências acerca da indisciplinarização da psicologia e dos efeitos que isso pode produzir.

Tingindo o que é nosso: o outrar-se

“Por que você gosta de soltar pipa?

É porque eu gosto de ver o azul voar” (diário testemunho, dia 14/09/2023)



Certa tarde, as crianças não queriam ficar no prédio. A salinha não nos coube. E o não foi a potência para outrar o dia. Que outra experiência poderíamos inventar? O céu aberto e o sol nos convidaram para a rua. Lá fora, sugerimos a possibilidade de brincarmos com argilas: vamos! A questão proposta foi: “se a argila pode se transformar em tudo, o que vocês desejam fazer?” Provocados por essa pergunta, nós formamos e deformamos a terra. Sujamos, sim! Sujamo-nos, mesmo sem saber se podíamos! Assim, como no ato de poietés — Acepção voltada a possibilidade de criar objetos verbais (Arrigucci, 1994) —, nos colocamos como fazedores/inventores de imagens-coisas, sendo que, para dar vida ao barro, o exercício de modelação e remodelação durou a tarde inteira. Foram rostos, casas, o outro, si próprio, a comunidade, armas de fogo, alienígenas, bonecos e várias outras criações e (re)criações, pois um mesmo barro circulou em diferentes mãos. Então, por exemplo, o rosto de uma criança foi (re)feito várias vezes por outras, com sentidos múltiplos, já que cada criança provocava uma alteração no feitura do outro. Ações que produziram brigas, risos, estranhamentos e surpresas, visto que a alteração da forma “original” desbloqueava uma forma inaugural, pois era carregada de outramentos, isto é, de uma composição heterogênea da experiência de (com)partilhar o sensível — era como se o próprio corpo fosse desmanchado e reparado pelo toque do outro.

Não obstante, essas horas jogadas na argila foram amparadas sem contenção e justaposição de nossa parte, uma vez que a imanência do encontro estava orientada na colisão e no contágio de corpos vibrando em ação. Tal postura possibilitou que as crianças pudessem intercambiar suas experiências pelo corpo-argila. Trocas de olhares, de lentes, de perspectiva que poderiam agradar ou não, mas que eram, acima de tudo, possíveis de serem feitas — considera-se que os efeitos de tal experiência eram manejados na nossa própria composição coletiva.

Pensando sobre o último período de cima, torna-se interessante adicionar que não era toda e qualquer indisciplina que era sustentada, pois o objetivo era produzir bons encontros a partir da transgressão. Logo, a legitimidade da indisciplina era dada pelo grupo, isto é, era ele que definiria se a indisciplina seria alegre ou se seria triste. Pegando de assalto esses termos da filosofia epinosista, digamos que a indisciplina foi alegre quando aumentou a potência de existir, mas foi triste quando diminuiu essa mesma potência de existir — entendendo “potência de existir” como a



capacidade do indivíduo de agir na orientação de alargar sua capacidade de afetar e ser afetado, perseverando-se na existência (Strappazzon, Sawaia e Maheirie, 2022).

Nesse meio, uma criança levantou e falou: “precisamos pintar isso tudo!”. Pegamos todas as tintas que havia no projeto e derramamos o azul, o amarelo, o preto, o verde e o branco no chão da quadra coberta ao lado do prédio do projeto. A tinta correu pelo barro e pelas mãos de todos. As obras iniciadas pelas crianças voltaram para suas mãos, com suas alterações e novidades, para serem pintadas pela cor que cada uma reconhecia como sendo a sua. Algumas foram de azul, verde ou preto, já outras experimentaram as indefinições de cada tingimento a partir das misturas possíveis — encerrava-se, assim, a produção de obras que circularam no sensível do grupo, mas que apresentavam a assinatura autêntica de cada criança. Porém, com as mãos pingando variadas cores, elas reivindicaram pintar a quadra. Sem saber o que dizer, afinal, não tínhamos essa permissão, apenas perguntamos o porquê. Uma criança respondeu de prontidão: “PORQUE ISSO É NOSSO!” E na indisciplina alegre de realizar o que não nos permitiram, elas pintaram com suas mãos o que reconheciam como delas, como suas casas, como suas vidas, como suas territorialidades e como seus abrigos.

Depreende-se, portanto, que a psicologia pode se jogar na imanência do encontro, implicando-se, como uma criança desobediente, com-o-outro para experimentar o devir. Em outras palavras, é possível entrar no ritmo da desorganização para inventar estilos, cores e obras. O grupo estava coextensivo ao plano do caos, dis-posição que criou novidades, surpresas, sustos, inconformidades e desvios.

Das (in)conclusões:

Se é necessário toda uma vila para criar uma criança, ao pensarmos em autonomia e emancipação no trabalho com crianças e adolescentes, nos é demandado olhar e cuidar de toda uma vila. Assim, a “psicologia indisciplinada” discutida aqui pode abrir fissuras para ensaiar, como uma criança que brinca, possibilidades de manter um compromisso com práticas de emancipação nas atuações em contextos comunitários em situação de vulnerabilidade social.

A indisciplinarização da psicologia delineada aqui se dá como uma fagulha de potência, que apesar de ter se encerrado curricularmente, ainda busca espaços para realizar a



afirmação/invenção da singularidade enquanto uma ética radical, sendo a transgressão um meio — não o único — para sustentar esses atos enquanto políticas de cuidado — processo que configura ações emancipatórias. O movimento anunciado em tal ensaio, trata-se então, nada mais nada menos, de uma contínua aposta do que pode vir a ser a psicologia a partir de uma relações que oferecem acolhimento, liberdade e celebração aos sujeitos à medida que eles se tornam o que são e vislumbram as possibilidades do que poderiam vir a ser e de outras formas de viver se o mundo fosse diferente.

Que para isso se tensione as lógicas! Se rasgue o manual e jogue o livro de regras pela janela! Que pintemos fora das linhas do desenho! E que se perca o medo de não fazer “psicologia de verdade”. É na desobediência que reside o ato, eminentemente, ético-político da psicologia com as crianças da Chico Mendes, pois foram nesses atos que surgiram condições para a tessitura de uma linguagem para os bons encontros. Reivindicamos, nessas inconclusões, o gesto mais quimérico e utópico da palavra, do corpo e da vida em tempos como esse: o sonhar. Assumimos, como quixotes, a necessidade do sonho para obrar com a psicologia. Apenas assim será possível não apenas reformar a realidade, mas, sim, revolucioná-la até o ponto de fazer o impossível descer sobre a terra e os corpos na forma de um novo possível.

Bibliografia

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa**. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 87-98.

CAPONI, S. A lógica da compaixão. **Trans/Form/Ação** (São Paulo), v. 21-22, p. 91-117, 1998-1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31731999000100009>. Acesso em: 13 set. 2024.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2020. (v. 1 e v. 3).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (1ª ed., vol. 1)**. São Paulo: Editora 34, 1995.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (1ª ed., vol. 3)**. São Paulo: Editora 34, 1996.

ESCÓSSIA, Liliana; MANGUEIRA, Maurício. Para uma psicologia clínico-institucional a partir da desnaturalização do sujeito. **Revista do Departamento de Psicologia**, UFF, v. 17, p. 93-101, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-80232005000100007>. Acesso em: 13 set. 2024.

ESPINOSA, B. **Ética**. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos. São Paulo: Editora USP, 2015. (Obra original publicada em 1677).

FREITAS, Maria de Fátima Quintal. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 11, p. 175-189, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000100011>. Acesso em: 13 set. 2024.

GALLO, S. Anarquismo e Educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. **Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais**, v. 36, p. 169-186, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. ed.** São Paulo: Ática, 2014.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides (Org.). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 95-110.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MONTAÑO, Carlos Eduardo. O projeto neoliberal de resposta à “questão social” e a funcionalidade do “terceiro setor”. **Lutas Sociais**, n. 8, p. 53-64, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/lis.v0i8.18912>. Acesso em: 13 set. 2024.

MONTAÑO, Carlos Eduardo. Pobreza, “questão social” e seu enfrentamento. **Serviço Social & Sociedade**, v. 70, p. 270-287, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282012000200004>. Acesso em: 13 set. 2024.

PAIVA, Ilana Lemos. Os novos quixotes da psicologia e a prática social no âmbito do terceiro setor. **Revista Psicologia e Política**, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17579>. Acesso em: 13 set. 2024.

RIBEIRO, Amanda; GONÇALVES, Ednéia. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 336-339, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/les.v23i2.45170>. Acesso em: 13 set. 2024.



ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 44-52, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100006>. Acesso em: 13 set. 2024.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

ROSSI, André; PASSOS, Eduardo. Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. **Revista Epos**, v. 5, n. 1, p. 156-181, 2014.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOUZA, S. S. Memória, cotidianidade e implicações: construindo o diário de itinerância na pesquisa. Entrelugares: **Revista de sociopoética e abordagens afins**, v. 1, n. 1, p. 45-58, 2010.

STRAPPAZZON, André Luis; SAWAIA, Bader; MAHEIRIE, Kátia. A liberdade em Espinosa como base ontoepistemológica no enfrentamento do sofrimento ético-político. **Psicologia & Sociedade**, v. 34, p. e242492, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2022v34242492>. Acesso em: 13 set. 2024.

YASUI, Silvio; LUZIO, Cristina Amélia; AMARANTE, Paulo. Atenção psicossocial e atenção básica: a vida como ela é no território. **Revista Polis e Psique**, v. 8, n. 1, p. 173-190, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/2238-152X.80426>. Acesso em: 13 set. 2024.

Recebido em: 15/09/2024

Aceito em: 15/11/2024

[1] Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: vitormoraes_pox@outlook.com

[2] Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: jenniferelizabethvieira8@gmail.com

[3] Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: andreluistra@gmail.com

[4] Diário de campo composto como poema em prosa.

[5] Forma pela qual os moradores referem-se ao Conjunto Habitacional Chico Mendes, construído em 1998, resultado do reassentamento “provisório” das famílias que ocuparam a região na década de 70 (dando origem a diversas comunidades no Bairro Monte Cristo). Trata-se de um aglomerado de casas pequenas, estreitas e coloridas



que formam um quadrado, com uma área vazada no meio, fazendo seus moradores compartilhem, estruturalmente, desde as paredes até o teto. Tendo sua sede no Carandiru, o Instituto Gerações da Chico abriga, durante às tardes, as novas gerações da Comunidade Chico Mendes, enquanto se abriga em um dos prédios mais emblemáticos do território, tornando-se um símbolo histórico e geracional de resistência, luta e descaso estatal.